



Antropologia da Música na América Latina e Caribe

Rafael da Silva Noletto

Doutor em Antropologia Social pela USP. Professor Adjunto da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), sendo professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGANT/UFPEL) e docente do Bacharelado em Ciências Musicais. Coordena o Grupo de Pesquisa em Diversidade, Antropologia e Música (DIVAMUS/UFPEL). Seus campos de interesses são Antropologia da Música, Dança e Performance; Estudos de Gênero e Sexualidade e Teoria Antropológica. Autor do livro “Estrelas juninas: gênero, raça e sexualidade no São João de Belém” (Editora Papéis Selvagens). É antropólogo, cantor e compositor, tendo lançado em todas as plataformas digitais seu primeiro álbum de canções autorais intitulado “Cantositor”.

Email: rafael.noletto@ufpel.edu.br

Augusto Pérez Guarnieri

Doctor en Ciencias Sociales y Magíster en Antropología Social (FLACSO-Argentina) Profesor en Educación Musical (Escuela de Música Popular de Avellaneda), Profesor de Batería (Escuela de Arte de Berisso). Se desempeña como investigador en el Museo de Instrumentos Musicales Dr. E Azzarini (UNLP) y en el Instituto de Investigación en Etnomusicología de la Ciudad de Buenos Aires (DGeART). Sus áreas de interés son la vinculación entre la educación y la música de procedencia africana y afroamericana (focalizándose actualmente en sus etnografías con músicos afroargentinos, garífunas y de República Democrática del Congo). Docente del Liceo V. Mercante, fundador y Secretario de la Cátedra Libre de Estudios Afroargentinos y Afroamericanos (Universidad Nacional de La Plata). Autor de libros como “África en el Aula: una propuesta de educación musical” (Edulp, 2007), “Ubaflu: el legado de los abuelos garífunas” (Edulp, 2011) y diversos artículos en el área de la etnomusicología y la antropología. En 2020 recibe la Primera mención en el Premio “Eduardo Archetti” por su tesis de maestría (CAS-IDES), en 2022 la Mención honrosa en el “XIII Premio Latinoamericano de Musicología Samuel Claro Valdés” (Instituto de Música, U.C.Chile) y en 2023 el Premio Ibermúsicas para desarrollar una estancia de investigación en el Institute des Arts de Kinshasa (R.D.Congo). En 2024 obtuvo el Premio de Musicología Casa de las Américas.

Email: augustoperezguarnieri@gmail.com

Os estudos que abordam os vínculos entre Antropologia, música, sons e silêncios vêm se aprofundando na medida em que a etnografia se voltou para populações ou grupos sociais para quem o aspecto sonoro é culturalmente determinante. A Antropologia contemporânea tem cada vez mais se voltado aos elementos sensoriais implicados tanto no fazer antropológico quanto nas diversas formas através das quais as pessoas vivenciam, compreendem, formulam e expressam suas práticas culturais. Neste sentido, a teoria antropológica e os textos etnográficos têm avançado no aprofundamento do debate sobre práticas *encorporadas* (*embodied practices*) que, conseqüentemente, geram conhecimentos *encorporados*, isto é, modos de compreensão do mundo que passam, necessariamente, pelo envolvimento do corpo em experiências performáticas e/ou sensoriais (sejam elas musicais, teatrais, de dança ou outras modalidades expressivas). Destacamos que o uso proposital do conceito “*encorporado*” (ao invés de “incorporado”) é uma referência explícita às contribuições teóricas de Diana Taylor (2013) e Richard Schechner (2013) para denotar uma imersão e utilização consciente do corpo na produção do conhecimento antropológico pelas vias do fazer artístico. Naquilo que particularmente nos interessa, consideramos que este (re)conhecimento *encorporado* do mundo advém dos fazeres e saberes musicais, assim como da relação que os sujeitos estabelecem, cotidianamente, com a dimensão sonora do mundo através da percepção e/ou produção do som *no e pelo* corpo.

Com essas ideias em mente, entendemos que não pode haver Antropologia sem som e música – parafraseando o famoso título de Rafael Menezes Bastos (1995) –, pois o mundo no qual estamos inseridos possui uma dimensão sonora e musical que não pode ser ignorada, nem como um dado etnográfico relevante nem como um elemento epistemológico capaz de alimentar e, talvez, transformar a teoria antropológica. Sendo assim, este dossiê, intitulado “Antropologia da Música na América Latina e Caribe”, materializa a consolidação de esforços conjuntos no sentido de dar maior audibilidade a um campo de pesquisa muitas vezes negligenciado nos debates considerados “centrais” para a constituição da Antropologia como área do conhecimento. Historicamente, a Antropologia se constituiu a partir da discussão de temáticas como organização social, política, parentesco, cosmologia, mito, ritual, religiosidade, etnicidade, relações raciais, relações de gênero e outros temas. No entanto, é notável perceber o grande silêncio de muitas etnografias (clássicas ou contemporâneas) que ignoram certos fatores sonoro-musicais que são transversais a essas temáticas, mas que não emergem de maneira tão evidente em muitos textos etnográficos.

Com isso, não pretendemos negar que a história teórico-etnográfica da Antropologia tenha, dentre seus grandes trabalhos, pesquisas de nomes primordiais para a fundação e constituição de um campo próprio da Antropologia da Música. Obras como as de Alan Merriam (1964), Bruno Nettl (1964), John Blacking (1973; 2007), Rafael Menezes Bastos (1978), Steven Feld (1982), Anthony Seeger (1987; 2008), dentre outros autores, foram (e continuam sendo) seminais para o desenvolvimento de uma área de investigação própria que dá relevo ao som e às práticas musicais dos mais diversos contextos culturais. Também é importante lembrar que alguns antropólogos, não necessariamente conhecidos por um trabalho de pesquisa estritamente musical, deram atenção à música, como é o caso de Evans-Pritchard (1928) e, de forma mais enfática e constante, Lévi-Strauss (1978; 1997; 2004; 2009; 2011; 2012) em sua utilização da linguagem musical como inspiração para elaborar uma teoria estrutural do mito.

Na Antropologia Contemporânea, Tim Ingold (2008; 2015; 2022), com sua proposta sensorial de uma Antropologia (Ecológica) da Vida, tem enfatizado os aspectos sonoros que compõem o mundo e perpassam as vivências dos sujeitos no ambiente. Na verdade, desde a antropologia da experiência (Turner, 1986) nos deparamos com uma tentativa permanente de transcender a perspectiva centralizada no visual, que espacializa o mundo e racionaliza o olhar, por isso, devemos acrescentar a esta breve

menção das nossas referências teóricas fundamentais a perspectiva do som-no-mundo de Paul Stoller (1989, 1996). Trata-se de enfatizar a ampliação da dimensão do audível por meio da participação experiencial intersubjetiva para desvendar certas estruturas de significado, o campo social e as ações que moldam a identidade e suas múltiplas interações. Dessa forma, queremos chamar a atenção para o fato de que, apesar de sempre ter tido algum espaço de discussão em âmbito antropológico, a dimensão sonoro-musical dos contextos culturais para os quais a Antropologia se volta merece ainda mais destaque nas etnografias e na própria constituição da teoria antropológica.

A concretização do dossiê “Antropologia da Música na América Latina e Caribe” emerge como um desdobramento da realização de um Simpósio Temático homônimo que ocorreu durante o VII Congresso da Associação Latino-americana de Antropologia (ALA), sediado na cidade de Rosário (Argentina) em 2024. Nossa proposta tinha como objetivo inserir, no contexto deste importante evento acadêmico, um grupo de discussão cujo foco fosse música e som em contextos culturais latino-americanos diversos. Sabe-se que, na América Latina e no Caribe, a perspectiva da Antropologia da Música tem gerado múltiplas investigações voltadas para a compreensão integral de sua diversidade cultural regional. Por isso, interessava-nos promover um amplo debate sobre este campo com o objetivo de vislumbrar um panorama atualizado da produção antropológica que abordasse e problematizasse o vínculo cultural com a música e o som. Como pontos orientadores, pretendíamos organizar os debates através de algumas perguntas que visavam estimular uma reflexão coletiva sobre a atual configuração da Antropologia da Música na América Latina e Caribe. As perguntas eram: que perspectivas epistêmicas e metodológicas têm orientado o campo da Antropologia da Música na América Latina e Caribe na atualidade? Que espaços esse campo do conhecimento tem ocupado em universidades e outras instituições não acadêmicas? Como a Antropologia da Música pode contribuir para o desenvolvimento do conhecimento antropológico em termos teóricos, metodológicos e etnográficos? Como tem se dado a circulação de saberes em Antropologia da Música entre pesquisadores e instituições de distintos países da América Latina e Caribe?

Sendo assim, intencionávamos abarcar pesquisas que estivessem afinadas a alguns eixos temáticos que abordem antropológicamente questões musicais e sonoras latino-americanas e caribenhas tais como: musicalidades afro-diaspóricas; cosmologias musicais indígenas e/ou de povos originários; diversidade sexual, étnico-racial e de gênero em contextos musicais; cidades, música, som e questões urbanas; formação em Antropologia da Música e/ou Etnomusicologia; contribuições latino-americanas para novas epistemologias de(s)coloniais em Antropologia da Música; religiosidades, simbologia, música e sons rituais; deficiência e estudos em antropologia da música; etnografia de saberes musicais na América Latina; enfoques etnográficos sobre arquivos sonoros; estudos culturais do som; música, som e tecnologias contemporâneas; ligações entre etnomusicologia e educação musical; música, som e corporalidades; abordagens etnográficas a partir da experiência sonora, intersubjetividade e (bi)musicalidade; materialidades, representações simbólicas, classificações de instrumentos nativos e organologia vivida. A partir desses eixos temáticos, conseguimos reunir, no contexto do VII Congresso da ALA, antropólogos/as, etnomusicólogos/as e cientistas sociais que estavam engajados/as em investigações de caráter etnográfico sobre música, som, práticas e epistemologias musicais que destaquem peculiaridades culturais e sonoras expressas no quadro da diversidade cultural latino-americana e caribenha.

Como consequência dos debates realizados naquele evento, amadurecemos juntos a possibilidade de publicar um dossiê reunindo trabalhos de autores/as de alguns países latino-americanos, que estivessem em diferentes momentos de formação acadêmica, que fossem pesquisadores/as com duplo trânsito nas áreas de Antropologia e Música, e que, com suas etnografias, pudessem trazer aspectos

relevantes para o debate sobre Antropologia da Música na América Latina e Caribe. Assim, este dossiê reúne investigadores/as oriundos/as da Argentina, Brasil, Colômbia e México. Os textos selecionados se iniciam com a etnografia de Augusto Pérez Guarnieri (Argentina) cujo objetivo é revisitar o conceito etnomusicológico de bimusicalidade a partir de sua experiência etnográfica com a população garífuna de Livingston, Guatemala, promovendo uma metodologia que fomente o conhecimento musical experiencial e intersubjetivo, capaz de superar as limitações da observação passiva e da transcrição descontextualizada. Em seguida, María Laura Corvalán (Argentina) contribui com uma discussão sobre corporalidade a partir de uma investigação sobre a dança do Candombe afro-porteño dos afro-argentinos do tronco colonial em Buenos Aires. Logo após, temos o artigo de Daniela Rosa (Brasil) que, pesquisando no contexto dos bailes funk do Rio de Janeiro, discute um tipo de composição que, segundo a autora, tem ficado à margem na historiografia do funk: as chamadas “montagens de galera”. Por sua vez, Wagner Sicca (Brasil) e João Straub Gomes (Brasil) contribuem com dois distintos textos escritos em coautoria com Rafael da Silva Noleto (Brasil). O artigo de Sicca e Noleto discute o Bailão (festa gaúcha tradicionalmente frequentada por classes populares) para propor um debate conceitual do Bailão como categoria polissêmica, abrangendo as noções de bailão-lugar, bailão-identidade e bailão-festa, fundamentais na reconstrução permanente do que se entende como identidade gaúcha. Já o texto de Gomes e Noleto apresenta um debate sobre técnica, tecnologia, instrumento musical e música a partir de etnografia realizada com *luthiers* e construtores de instrumentos musicais no Rio Grande do Sul. Encerrando o conjunto de artigos, temos o texto escrito por Lizette Alegre Gonzalez (México) em parceria com María José Cerón (Colômbia) no qual abordam, a partir de suas experiências docentes em seus respectivos países, a Etnomusicologia como um campo pós-disciplinar numa revisão reflexiva de relevância para as discussões sobre a formação nesta área do conhecimento.

É importante ressaltar que a publicação deste dossiê também é uma das ações do projeto de pesquisa “Antropologias possíveis no sul do Brasil e América Platina: rituais, *performances* e saberes musicais em circulação no Cone Sul”, coordenado por Rafael da Silva Noleto no âmbito da Universidade Federal de Pelotas (Brasil)¹, cujo objetivo é investigar o trânsito de saberes musicais e performáticos entre Brasil, Argentina e Uruguai. A perspectiva deste projeto parte do pressuposto de que a Música, entendida tanto como área do conhecimento quanto como expressão artístico-ritual, seja um elemento epistemológico propulsor de grandes debates que possam reverberar na Antropologia com o intuito de, quiçá, extrapolar sua condição de mero objeto de estudo antropológico (Noleto, 2020).

Sendo assim, esperamos que este dossiê possa contribuir com os mais variados debates sobre som, música, corpo, técnica, tecnologia e epistemologia em âmbito antropológico e etnomusicológico, disseminando no Brasil um pouco da produção contemporânea de pesquisadores/as estrangeiros que têm se dedicado a esses debates em seus respectivos países. Da mesma forma, tanto as discussões promovidas no referido simpósio como as reflexões de cada um dos autores que contribuíram para este dossiê, demonstram que todos esses vínculos teórico-metodológicos estão videntes e ativos, formando um campo dinâmico de estudos caracterizado através pela etnografia, pela experiência de campo de primeira mão e pela preocupação em amplificar as vozes de populações historicamente silenciadas. Por outro lado, pretendemos que as pesquisas desenvolvidas no Brasil possam, igualmente, circular em outros países latino-americanos, aproximando cada vez mais pesquisadores/as e instituições de distintos países com a inquietação de promover intercâmbios e fortalecer uma perspectiva transnacional, amplificando os sons e silêncios da América Latina e do Caribe.

¹ Mais detalhes deste projeto podem ser encontrados neste link: <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u7986> [Acesso em 13 dez. 2024]

Referências

- BLACKING, John. Música, cultura e experiência. **Cadernos de Campo**, n 16, p. 201-218, 2007.
- BLACKING, John. **How musical is man?** Seattle: University of Washington Press, 1973.
- EVANS-PRITCHARD, Edward. A dança. CAVALCANTI, Maria Laura (org.). **Ritual e performance: 4 estudos clássicos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014 [1928], p. 21-38.
- FELD, Steven, **Sound and sentiment: birds, weeping, poetics, and song in Kaluli expression**. Durham, NC: Duke University Press, 1982.
- INGOLD, Tim. Pare, olhe, escute!: Visão, audição e movimento humano. **Ponto Urbe**, n. 3, p. 1-54, 2008. <https://doi.org/10.11606/5xbps153> Acesso em: 13 dez. 2024.
- INGOLD, Tim. **Estar Vivo: Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- INGOLD, Tim. Linguagem, música e notação. INGOLD, Tim. **Linhas: uma breve história**. Petrópolis: Vozes, 2022, p. 29-64.
- MENEZES BASTOS, Rafael José de. **A musicológica Kamayurá: para uma antropologia da comunicação no Alto-Xingu**. Brasília: Fundação Nacional do Índio, 1978.
- MENEZES BASTOS, Rafael José de. Esboço de uma teoria da música: para além de uma antropologia sem música e uma musicologia sem homem. **Anuário Antropológico**, n. 93, p. 9-73, 1995.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**, Lisboa: Edições 70, 1978.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Olhar, escutar, ler**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido (Mitológicas 1)**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 [1955].
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O homem nu (Mitológicas 4)**. São Paulo: Cosac Naify, 2011 [1971].
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2012 [1974].
- MERRIAM, Alan. **The anthropology of music**. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1964.
- NETLL, Bruno. **Theory and Method in Ethnomusicology**. New York: Free Press, 1964.
- NOLETO, Rafael da Silva. Música como ciência, ciência como música: provocações epistemológicas. **OPUS**, v. 26, n. 3, p. 1-22, 2020. <http://dx.doi.org/10.20504/opus2020c2619>. Acesso em: 13 dez. 2024.
- SCHECHNER, Richard. “Pontos de contato” revisitados. DAWSEY, John; MÜLLER, Regina; MONTEIRO, Marianna (orgs.). **Antropologia e performance: ensaios NAPEIRA**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013, p. 37-65.
- SEEGER, Anthony. 2008. **Etnografia da música**. *Cadernos de Campo* (17): 237-259.

SEEGER, Anthony. **Por que cantam os Kĩsêdjê**: uma antropologia musical de um povo amazônico. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STOLLER, Paul. **The taste of ethnographic things**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1989.

STOLLER, Paul. Sounds and Things. Pulsations of power in Songhay. LADERMAN, Carol; ROSEMAN, Marina (ed.). **The performance of Healing**, New York-London: Routledge, 1996, 165-184.

TAYLOR, Diana. Traduzindo performance [prefácio]. DAWSEY, John; MÜLLER, Regina; MONTEIRO, Marianna (orgs.). **Antropologia e performance: ensaios NAPEIRA**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013, p. 09-16.

TURNER, Victor. Dewey, Dilthey and Drama: An essay in the anthropology of Experience. TURNER, Victor ; BRUNER, Edward. (eds.) **The Anthropology of Experience**. Illinois: University of Illinois Press, 1986, p. 33-44.